

---

## Telejornalismo em Tempos de Pandemia: uma Análise do Programa “Conexão” do Canal Futura<sup>1</sup>

Clarissa Lima MACHADO<sup>2</sup>

Ana Paula Goulart de ANDRADE<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

No ano em que a TV completa 70 anos, o telejornalismo foi surpreendido por significativas transformações por conta da Covid-19. Dessa forma, assumiu um papel central e ainda mais desafiador como forma de conhecimento (VIZEU; CORREIA, 2008). As redações passaram por profundas modificações na produção e na transmissão das notícias, reorganizando as rotinas produtivas. O presente artigo traz uma análise das mudanças ocorridas no Programa Conexão, do Canal Futura, como: alterações na grade de programação, maior uso de imagens de apoio, imagens cedidas pelas fontes, antecipação de gravação, além de contratação de novos profissionais. A pesquisa analisa seis edições do programa Conexão durante a quarentena e traz uma entrevista com uma profissional do Canal Futura. A metodologia utilizada será o Estudo de Caso (YIN, 2011) conjugada com a Análise Televisual Convergente (BECKER, 2019).

**Palavras-chave:** telejornalismo; rotinas produtivas; pandemia; novas competências; Canal Futura.

### INTRODUÇÃO

Foi no dia 18 de setembro de 1950 que a TV Tupi realizou a primeira transmissão televisiva no Brasil. Em meio à onda de novidades, o dia seguinte também contou com um acontecimento marcante: em 19 de setembro de 1950, foi ao ar o primeiro telejornal brasileiro, chamado “Imagens do Dia”. Como o próprio nome sugere, o produto mostrava imagens brutas, sem edição, que se destacaram em um determinado dia. A proximidade entre os dois marcos reforça a ideia de que as duas histórias se confundem em uma trajetória conjunta.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ. E-mail: [clarissalmachado@gmail.com](mailto:clarissalmachado@gmail.com)

<sup>3</sup>Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, FACHA e FPG. Doutoranda em Comunicação (Puc-Rio). E-mail: [anapaula.andrade@eco.ufrj.br](mailto:anapaula.andrade@eco.ufrj.br)

---

Dentro desse contexto de profundas transformações e atravessamento pela pandemia da Covid-19, é fundamental destacarmos as fases do telejornalismo identificadas por SILVA (2018) em seis etapas: a) Telejornalismo Falado, quando a TV chega ao Brasil em 1950 e tem como marca o imprevisto, herdado pela linguagem radiofônica; b) Telejornalismo reportado, com a novidade do videoteipe (VT), que ainda marca os dias atuais, momento em que foi possível gravar e editar o material, facilitando imensamente a ideia de reportar; c) Telejornalismo *AllNews*, que é a chegada da TV por assinatura com novas possibilidades de canais e transmissões por *stand up*; d) Telejornalismo Convergente, quando é incluída na rotina produtiva a edição não-linear; e) Telejornalismo Expandido, quando o conteúdo televisivo transborda para outras telas; f) Telejornalismo Imersivo, quando insere o uso de realidade virtual e a lógica de 360°.

Setenta anos depois, o telejornalismo brasileiro enfrenta um desafio sem precedentes: a cobertura da pandemia do novo coronavírus. Desde 26 de fevereiro - dia em que foi confirmado o primeiro caso de Covid-19 no Brasil - as mudanças nas rotinas produtivas do jornalismo têm sido frequentes. Cabe aqui destacar a consideração de Arlindo Machado (2000) ao referir-se ao telejornal como lugar de enunciação: “não é sem razão que o telejornal, muitas vezes, trata não propriamente dos eventos, mas de suas próprias dificuldades em reportá-los” (MACHADO, 2000, p.105). Essas dificuldades apontadas por Arlindo Machado estão não só no âmbito da enunciação, mas no envolvimento de todos os sujeitos falantes. Recursos como a utilização de dois microfones nas reportagens, a gravação de entrevistas por chamada de vídeo, jornalistas trabalhando diretamente de suas casas, e até mesmo o uso de máscaras nas entradas ao vivo passaram a fazer parte do cotidiano. Além disso, os números de casos e óbitos que crescem, consideravelmente, todos os dias, e a linguagem médica relacionada ao tema desafiam o telejornalismo a pensar em formas cada vez mais eficientes de comunicar essas informações. Afinal, o telejornalismo opera uma função pedagógica, na qual “a notícia faz uma mediação entre os diversos campos de conhecimento e o público” (VIZEU; CORREIA, 2008, p.18).

Ao considerar o jornalismo e, conseqüentemente, o telejornalismo como formas de conhecimento, admitimos a possibilidade de novos processos na construção social da realidade. A partir de uma perspectiva construcionista, o jornalismo pode ser compreendido como um lugar de produção de conhecimento, dentro de um campo

---

discursivo de disputas ao acesso à esfera pública em uma sociedade democrática, conforme apontam Traquina (2005), Alsina (2009) e Schudson (2010).

E é nesse cenário de mudanças constantes, que o Canal Futura chega aos seus 23 anos. Criado em 22 de setembro de 1997, já em um período mais recente da história da televisão, o canal é uma solução educacional da Fundação Roberto Marinho. Com o objetivo de oferecer conteúdo educativo de forma acessível, o Futura ficou, inicialmente, conhecido por seus programas infantis, como o famoso “Teca na TV”, que intercalava blocos de desenhos animados com as aventuras da personagem Teca, uma menina alegre que ensinava curiosidades e atividades para o público. De lá para cá, surgiram novos formatos, novos conteúdos e o canal passou por algumas reformulações, incluindo as mudanças impostas pela pandemia. Em um cenário em que pelo menos 463 milhões das crianças em idade escolar não consegue acessar o ensino a distância, durante o fechamento das escolas, de acordo com relatório do Unicef<sup>4</sup>, o Canal Futura se propôs a levar conteúdo educativo de qualidade para esses estudantes. Foram disponibilizadas 3 faixas da programação com aulas e metodologias do Telecurso e demais programas, 600 videoaulas gratuitas no YouTube do Canal, QR Codes exibidos na tela do Futura, que redirecionam para o conteúdo educativo disponível online, entre outras iniciativas<sup>5</sup>.

O jornalismo também é um dos principais eixos na história do Canal Futura e, atualmente, conta com 3 programas principais: Conexão, Debate e Minuto Futura. Assim como nos demais produtos, o jornalismo do Canal também tem um foco em pautas de relevância social como a diversidade racial e de gênero, políticas públicas, ciência, tecnologia, saúde, educação, empreendedorismo, entre outras. Com a pandemia, o recorte da crise foi inserido nas pautas convencionais, o que gerou programas sensíveis e com um toque de factualidade, ainda que o canal não seja caracterizado como um veículo *hard news*<sup>6</sup>.

O Conexão, alvo de estudo deste trabalho, é um programa diário que traz entrevistas sobre temas relevantes para a sociedade, com análises críticas e

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-pelo-menos-um-terco-das-criancas-em-idade-escolar-nao-consegue-acessar-ensino-a-distancia>> Acesso em: 07/10/2020.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.futura.org.br/futura-completa-23-anos-e-atua-para-reducao-de-desigualdades-na-educacao-durante-pandemia/>> Acesso em: 07/10/2020.

<sup>6</sup> As *hard news*, ou notícias duras, estão relacionadas a acontecimentos factuais do dia. (TUCHMAN, 1980, *apud* VIZEU, 2008, p.14).

contextualizadas. Ele foi criado em 2010 e até 2014 era exibido ao vivo. De 2015 para cá, passou a ser gravado, mas manteve a dinâmica de ao vivo, uma vez que o material quase não passava por edições. Assim como os demais programas, o Conexão tem enfrentado o desafio de relacionar a pauta do novo coronavírus com a linha editorial do Canal, sem perder a qualidade das discussões. No entanto, por se tratar de um produto com exibição diária, alguns impactos da pandemia nas rotinas produtivas foram vivenciados com maior intensidade e frequência e, por esse motivo, o Conexão foi o programa escolhido para a análise deste trabalho.

Adotado como metodologia para o presente artigo, Yin (2001) sugere que: “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p.32). Essa situação se expressa no caso do Conexão, uma vez que se trata de um programa que tem criado novas rotinas produtivas no contexto da pandemia e, portanto, a metodologia de estudo de caso proposta por Yin (2001) foi a mais adequada para esta análise.

Para verificar quais mudanças foram realizadas e qual é o legado delas, este trabalho analisou 6 edições do Conexão que foram exibidas entre abril e setembro, sendo um programa referente a cada mês, com duração entre 10 e 25 minutos. Para tanto, foi utilizada, como metodologia de observação televisiva, a Análise Televisual Convergente (BECKER, 2019). Como uma ferramenta flexível para a análise de telejornais e de programas televisivos, a escolha da aplicação da ATC implica em observar: a) singularidades da ambiência; b) características das organizações; c) os modos como os textos em áudio e vídeo são estruturados; d) as maneiras como um programa ou um conjunto de conteúdos e formatos audiovisuais circulam no ambiente convergente; e) as interações das audiências (BECKER, 2019, p. 78). Todas as etapas apresentadas são determinantes para uma visão mais ampliada de quaisquer produtos televisivos. No entanto, este trabalho se concentra nas características das organizações por compreender que o foco da pesquisa visa lançar um olhar sobre as rotinas produtivas do Canal Futura, mais especificamente do Programa Conexão. A partir da definição do método de análise ATC, foi possível observar, com rigor, as práticas produtivas, evidenciando as historicidades do Programa Conexão do Canal Futura, assim como bem os desafios impostos aos profissionais que compõem a redação.

---

Vale lembrar que todos os programas analisados estão disponíveis, gratuitamente, na plataforma de *streaming* Canais Globo<sup>7</sup>, que anteriormente, era conhecida como Globosat Play. Além disso, houve a necessidade de um olhar interior de quem participa da rotina produtiva e foi requisitada uma entrevista com a editora do Programa em análise.

Por fim, após todas as análises, foi possível sistematizar uma tabela que identificou pelo menos 11 mudanças nas rotinas produtivas na cobertura televisiva do Programa Conexão, do Canal Futura.

## **ESTUDO DE CASO: O PROGRAMA CONEXÃO**

O Programa Conexão é formado por entrevistas e análises críticas de temas de interesse público. De um modo geral, não tem como foco a cobertura de *hard news* (pautas quentes do cotidiano); preocupa-se mais com temas sensíveis, plurais e que possam ter um aprofundamento, sem a urgência da publicação no mesmo dia em que a produção de conteúdo é feita, as chamadas *soft news*. Ocorre, que enquanto as emissoras *hard news* se ocuparam de cobrir números e atualizações sobre a Covid-19, com mais empenho nos primeiros meses da pandemia, o Conexão fez questão de adaptar todas as pautas sempre angulando com o tema, conseguindo informar sobre uma doença sem precedentes no mundo, sem abandonar o tema e considerando a pandemia como valor-notícia fundamental. Ainda, é possível perceber que o tema da Covid-19 é incluído nas pautas de forma não alarmante, mas conscientizadora.

No mês de março, já com o primeiro caso de Covid-19 confirmado no Brasil, começaram as mudanças nas rotinas produtivas do Conexão. Entre 11/03 e 19/04, por exemplo, não houve exibições inéditas, uma vez que entre março e abril foi realizada a transição do local de trabalho da equipe, dos estúdios para o *home office*. Sendo assim, nesse período, foram ao ar edições reprisadas para que a equipe conseguisse se organizar para produzir conteúdo no novo formato. Conforme consta na grade de programação<sup>8</sup>, antes da pandemia, o programa contava com 3 exibições diárias: às 18h (10 minutos), às 19h (10 minutos) e às 20h (25 minutos). De lá para cá, as reprises

---

<sup>7</sup>Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/conexao/t/rRSZytsjRn>> Acesso em: 07/10/2020.

<sup>8</sup>Disponível em: <<http://ancine.grade.globosat.tv/futura.html>> Acesso em: 07/10/2020.

---

foram alternadas entre os horários e houve uma mudança de foco de produções inéditas: inicialmente, havia um direcionamento para produzir programas inéditos de 10 minutos e, atualmente, a equipe tem focado nas produções de 25 minutos, salvo algumas exceções. As análises feitas exclusivamente para este artigo compreendem os meses de abril, maio, junho, julho, agosto e setembro, totalizando seis edições do Programa Conexão.

O primeiro programa a ser analisado foi também a primeira exibição do Conexão gravada em *home office*, diretamente das casas da apresentadora Karen de Souza, e do entrevistado, o psicólogo André Sant’anna. O programa abordou a quarentena e a saúde mental e foi ao ar no dia 20/04/2020. Já na abertura da edição, a apresentadora reforça a importância do isolamento social, a partir da seguinte fala: “Como você pode ter percebido, nós estamos em um estúdio bem diferente. Aqui no Canal Futura, nós também estamos fazendo o isolamento, respeitando a quarentena. E nesse período a gente está produzindo conteúdo diretamente da nossa casa para você<sup>9</sup>”. É possível perceber que os apresentadores, mesmo ainda sem saber como agir diante da pandemia, tentavam transmitir uma segurança discursiva ao reforçar os cuidados necessários para evitar o contágio do vírus. Tal atitude demonstra que a apresentadora está em consonância com a ideia de pedagogia na construção narrativa do noticiário (VIZEU; CERQUEIRA, 2019), pelo exemplo a ser seguido de isolamento social.

Uma característica imagética que chama a atenção é o fato de a apresentadora gravar a abertura do programa por meio de uma câmera que capta um plano mais geral, incluindo parte do computador, para reforçar que a entrevista será gravada por chamada de vídeo. Ao longo do programa, há alternância entre 3 quadros: a câmera externa, a câmera do computador da apresentadora e a imagem do entrevistado. Considerando que, antes da pandemia, o Conexão era um programa gravado em estúdio, com imagens de 3 câmeras, percebe-se que a atual alternância entre os quadros é uma tentativa de manter o ritmo do programa. Tal atitude demonstra uma ação de operadores didáticos, buscando audiência por meio da segurança e lugar de referência, cumprindo com o jornalismo como forma de conhecimento e, portanto, exercendo novamente a função pedagógica do telejornal (VIZEU; CORREIA, 2008).

---

<sup>9</sup>Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/conexao/v/8518210/>>. Acesso em 07/10/2020.

---

Em termos de conteúdo, as perguntas realizadas deixam visível que se tratava de um momento ainda inicial da pandemia. Uma das primeiras perguntas feitas pela apresentadora se refere a como as pessoas podem lidar com os sentimentos que surgirão em decorrência do isolamento social, ou seja, naquele momento, ainda não se sabia ao certo que sentimentos eram esses.

Outro aspecto que chama atenção, é o fato de o Canal ter escolhido abordar no primeiro programa inédito, após algumas semanas em reprise, um recorte social da pandemia do novo coronavírus: a saúde mental. Bem diferente da proposição das matérias em destaque no Jornal Nacional exibido na mesma data (20/04/2020)<sup>10</sup>, por exemplo, que mencionam a ocupação quase completa dos leitos de UTI em Manaus (AM), em Fortaleza (CE), no Pará e em Pernambuco, o número de óbitos por Covid-19 no Brasil e nos Estados Unidos, o pagamento do auxílio emergencial, entre outras reportagens. Fica nítido que os dois programas abordam diferentes tipos de notícias. Há notícias duras, que são as factuais do dia, como as exibidas no Jornal Nacional, e as notícias leves que não precisam ir ao ar no telejornal no dia em que foram gravadas porque não perdem atualidade, como aquelas produzidas pelo Conexão (TUCHMAN, 1980, *apud* VIZEU, 2008, p.14). É justamente nesse olhar mais refinado, de quem não tem compromisso de exibir notícias factuais para preencher a grade de programação comercial, que foram buscados insumos para a pesquisa apresentada. Trabalhar com pautas produzidas (ou também classificadas como frias) traz um desafio maior ainda ao jornalismo para informar com qualidade.

Em 18 de maio é celebrado, anualmente, o Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, mobilização aderida pela Fundação Roberto Marinho e, conseqüentemente, pelo Canal Futura. Neste ano atípico, essa foi mais uma pauta que precisou se adaptar e inserir o contexto pandêmico em sua abordagem. Para analisar como ocorreu essa adaptação, o programa sobre a mobilização<sup>11</sup>, exibido em 18/05/2020, foi o escolhido para o estudo de caso do mês de maio.

O apresentador Bernardo Menezes começa o programa destacando a importância da data para a instituição e emenda em uma primeira pergunta que relaciona o

---

<sup>10</sup>Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8496690/>> Acesso em: 07/10/2020.

<sup>11</sup>Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/conexao/v/8540125/>> Acesso em 08/10/2020.

---

isolamento social ao risco de aumento nos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes. Na sequência, o Gerente de Advocacy da Childhood Brasil Itamar Gonçalves, entrevistado pelo programa, responde e menciona que o fechamento das escolas pode piorar o cenário, já que esse é um canal importante de denúncia. Ou seja, nos primeiros minutos de entrevista, foram abordados 3 temas que fazem parte da linha editorial do Canal Futura: infância, educação e impactos sociais da pandemia.

No aspecto imagético, o programa conta com alguns imprevistos. Em alguns momentos, uma mulher passa ao fundo da imagem do entrevistado e, em alguns desses instantes, são inseridas imagens de cobertura para amenizar o efeito de desvio de atenção por parte do espectador. Além disso, em alguns momentos, o apresentador corta os entrevistados, aparentemente sem intencionalidade - uma provável consequência do atraso das mensagens existente nas chamadas de vídeo. No fim do programa, há um corte brusco na fala do entrevistado e o apresentador encerra “às pressas”. Considerando que, antes da pandemia, havia uma equipe de produção, ponto eletrônico, além de o programa ser cortado no próprio *switcher* e não necessitar de edições, subentende-se que existia um controle maior com o tempo, que pode ter sido dificultado no momento atual.

A cobertura da pandemia envolve muitos dados estatísticos, linguagem médica e científica e conteúdo denso, o que tornou o desafio de transmitir essas informações ainda maior para os jornalistas. No entanto, nas áreas periféricas, o problema vai além: a ausência de dados. A edição do Conexão que foi ao ar no dia 09/06/2020<sup>12</sup> aborda essa e outras problemáticas enfrentadas pelos moradores do Complexo da Maré, no enfrentamento do novo coronavírus. Já na primeira resposta da assistente social e coordenadora do Redes da Maré Luna Arouca, a entrevistada ressalta que a invisibilidade vivenciada nas favelas é anterior à pandemia, o que levanta o seguinte questionamento: a cobertura telejornalística sobre os impactos sociais da Covid-19 jogou luz sobre problemas socioeconômicos mais profundos dessas regiões? Apesar de esse não ser o foco do artigo em questão, é um assunto fundamental e que o Jornalismo Audiovisual deve se preocupar, considerando o teor democrático a que propõe.

Em um caráter estrutural, chama a atenção uma nota-pé gravada pela apresentadora Karen de Souza, ao final do programa. A equipe cobrou respostas da

---

<sup>12</sup>Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/conexao/v/8597441/>> Acesso em: 08/10/2020.



---

Prefeitura do Rio de Janeiro a respeito da pobreza de dados sobre o novo coronavírus na Maré, e a apresentadora transmite essas informações para o espectador. Como foi dito anteriormente, o Canal Futura não é um veículo *hard news*<sup>13</sup> e, portanto, recursos como este não são comuns nos programas. Contudo, no atual momento, a pandemia, que é uma pauta factual, se faz presente no Conexão, ainda que o programa opte por recortes menos factuais. Logo, recursos como a nota-pé passaram a ser úteis nesse contexto.

Em paralelo à pandemia, a pauta do desmatamento e dos incêndios florestais ganhou espaço nos telejornais brasileiros. Em junho de 2020, a Amazônia completou 14 meses seguidos de aumento do desmatamento, sempre em relação aos mesmos meses do ano anterior, segundo dados do Inpe<sup>14</sup>. O Conexão exibido no dia 06/07/2020<sup>15</sup> abordou o tema e foi escolhido para compor o estudo de caso, por se tratar de uma edição em que o foco não era o novo coronavírus, mas foi feita uma relação com o assunto. Quando a apresentadora Karen de Souza questiona o entrevistado a respeito da influência da pandemia nos maiores índices de desmatamento, o pesquisador do Imazon Carlos Souza Junior responde que além de haver essa influência devido à redução da fiscalização, há também uma possibilidade de que as pessoas que desmatam atuem como vetores da Covid-19 para os povos indígenas que habitam esses territórios. Portanto, a pauta traz também uma preocupação com os grupos minoritários, ou seja, mais um recorte social na cobertura da pandemia.

Em agosto, passados cerca de 6 meses desde o primeiro caso de Covid-19 no Brasil, já havia um cenário de reabertura do comércio, de retomada do funcionamento de serviços que haviam sido paralisados e já se discutia o retorno às aulas presenciais. No mesmo mês, o estado do Amazonas foi o primeiro a reabrir as escolas<sup>16</sup> para as atividades presenciais, por exemplo. Nesse sentido, o Conexão exibido em 11/08/2020<sup>17</sup> começa a refletir sobre como será o retorno dos estudantes para a escola, trazendo dados sobre o risco de a evasão escolar ser intensificada no pós-pandemia. O programa faz parte de uma série de entrevistas especiais pelo Dia Internacional da Juventude, celebrado em 12/08, data pela qual o Canal Futura e a Fundação Roberto Marinho se

---

<sup>13</sup>idem, ibidem.

<sup>14</sup>Disponível em: <<https://folm.a.com/i8w7o62d>> Acesso em 07/10/2020.

<sup>15</sup>Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/conexao/v/8662471/>> Acesso em 08/10/2020.

<sup>16</sup>Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/08/10/mais-de-100-mil-alunos-da-rede-publica-voltam-as-aulas-nesta-segunda-em-manaus.ghtml>> Acesso em 07/10/2020.

<sup>17</sup>Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/conexao/v/8772143/>> Acesso em 08/10/2020.

---

mobilizam anualmente. Em 2020, cada programa da série abordou um item do Estatuto das Juventudes, criando um diálogo entre o tema e a pandemia. A edição escolhida para o estudo de caso aborda o direito à educação e mostra que mesmo com a inserção do contexto pandêmico em quase todos os programas, o Canal Futura não apenas manteve a produção de pautas institucionais, como também as relacionou com a pandemia.

Em setembro, o Conexão voltou a exibir programas inéditos de 25 minutos às 20h - faixa de horário que estava em reprise desde março, salvo algumas exceções. A edição escolhida para o estudo de caso desse mês foi ao ar no dia 10/09/2020<sup>18</sup> e aborda as perspectivas de trabalho e carreira no pós-pandemia. Com boa parte do comércio reaberto e com a retomada de diversas atividades presenciais, o Conexão abordou as perspectivas para esse momento no mercado de trabalho. Mesmo em uma pauta mais ampla, o Canal Futura insere a sua preocupação com as juventudes e com a educação, uma vez que em diversos momentos da entrevista, as perguntas são direcionadas para os jovens no mercado de trabalho. Tal preocupação se reflete também na escolha dos convidados: participaram o diretor geral de Pós-Graduação e Educação Continuada da Universidade Positivo David Forli Inocente e o gerente regional de São Paulo do Centro de Integração Empresa-Escola, ambos representantes de instituições educacionais.

## **POR DENTRO DAS ROTINAS PRODUTIVAS DO CONEXÃO NA COBERTURA DA PANDEMIA**

As análises apresentadas até aqui foram baseadas em informações públicas, a partir dos programas assistidos pela plataforma Canais Globo e pela grade de horários disponibilizada na mesma plataforma. Contudo, para mostrar as percepções internas à produção do Conexão, a editora do programa Ana Carolina Malvão concedeu uma entrevista às autoras.

Ainda no mês de março, quando as recomendações de isolamento social começaram a se intensificar no Brasil, houve a transição dos estagiários da equipe de jornalismo para o regime de *home office*. O restante dos profissionais seguiu trabalhando presencialmente, sob a forma de rodízio, até que em abril, toda a equipe passou a trabalhar integralmente em *home office*.

---

<sup>18</sup>Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/conexao/v/8823119/>> Acesso em 08/10/2020.

---

Com a transição da equipe para o novo regime de trabalho, o processo de produção dos programas passou a levar mais tempo, principalmente porque a edição de vídeo precisou ser incluída nas rotinas produtivas. Nesse sentido, a editora do Conexão contou que as reprises têm sido um recurso bastante utilizado, ainda que não seja o ideal. Para Malvão, “a ideia é que a equipe continue buscando produzir conteúdo da melhor forma, mas com a noção de que há limitações”<sup>19</sup>.

Antes da pandemia, a participação de convidados por chamada de vídeo já era um recurso utilizado. Na época, o apresentador estava no estúdio e “chamava” a entrevista, que era inserida no quadro pela equipe do *switcher*<sup>20</sup>. Essa era uma estratégia para que fosse possível contar com a participação de convidados de fora do Rio de Janeiro, cidade em que fica localizado o estúdio do Canal. Durante a pandemia, com toda a equipe do jornalismo em *home office* e sem poder contar com o estúdio, a gravação dos programas por chamada de vídeo passou a ser a única possibilidade. Conseqüentemente, por não realizar reportagens externas nesse período, o Canal Futura não adotou o uso de máscaras.

Ana Carolina Malvão explica que a principal diferença é que, em estúdio, havia *switcher*, diretor de imagem e o programa já saía pronto, com corte de câmera, creditado, sonorizado e empacotado. Agora, sempre é necessário editar para inserir elementos gráficos e fazer o jogo de câmeras. No entanto, ela reforça que “a dinâmica de ao vivo, que é uma característica do Conexão, foi mantida e, já que não há estúdio, recursos como as imagens de cobertura - incluindo imagens cedidas pelas fontes - e a alternância entre câmeras são fundamentais para que o programa não fique monótono”<sup>21</sup>.

Um outro aspecto observado é que para gravar entrevistas remotas, é preciso contar com a boa vontade e competência técnica das fontes. É necessário que os convidados saibam utilizar os *softwares* de chamada de vídeo, que tenham uma noção mínima de enquadramento e iluminação, que tenham a consciência da importância de colocar as notificações e dispositivos em modo silencioso, entre outras posturas.

A alteração na grade horária do programa foi uma outra mudança que surgiu nesse período. A editora do Conexão explica que o programa ocupava duas faixas de

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida às autoras.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/conexao/v/8448555>> Acesso em 08/10/2020.

<sup>21</sup> Entrevista concedida às autoras.

---

horário com edições de 10 minutos (18h e 19h) e uma com edições de 25 minutos (20h). Desde o mês de julho, a faixa das 19h foi cedida para a exibição de videoaulas do projeto Classes Abertas, reforçando o compromisso do Canal Futura e da Fundação Roberto Marinho com a educação. Ou seja, até setembro, o Conexão se preocupou em produzir programas inéditos com duração de 10 minutos para exibir às 18h e uma reprise de 25 minutos que ia ao ar às 20h, o que para a editora do programa, reduziu muito a carga de produção em si, se comparado ao formato anterior de três blocos. De setembro para cá, a situação se inverteu: tem sido priorizada a produção de programas de 25 minutos inéditos, e o horário das 18h conta com reprises de 10 minutos, salvo algumas exceções. Para Malvão, o grande desafio dessa retomada diz respeito ao fato de a equipe não ter conexão de internet suficiente para transferir arquivos mais pesados, o que acaba sobrecarregando a edição. A solução encontrada foi contratar uma empresa especializada em produção de vídeos. Dessa forma, a equipe se concentrou em processos de produção e linha editorial, e a parte técnica ficou sob responsabilidade da produtora, com supervisão da equipe do Conexão. Também foi contratado um profissional *freelancer* para auxiliar nas rotinas produtivas.

Devido à necessidade de inserir o processo de edição de vídeo nas rotinas produtivas e pela própria mudança de ritmo na produção dos programas, acaba sendo necessário trabalhar com prazos mais largos. Por esse motivo, os programas são gravados com uma antecedência considerável em relação ao dia da exibição. Como foi dito anteriormente, o Conexão trabalha com pautas menos factuais, contudo, pelo fato de o programa ter adotado o recorte da pandemia, é importante ter cautela para que as pautas não esfriem na lacuna existente entre gravação e exibição. Para Ana Carolina Malvão, “a estrutura de *home office* ainda restringe bastante o ritmo de produção”<sup>22</sup>.

Este trabalho optou por analisar 6 edições do Conexão e, em todas elas, houve uma abordagem com preocupação social. Ou seja, mesmo inserindo a pandemia na maioria de suas pautas, o recorte social se manteve. O mesmo se deu com as pautas de mobilização institucional, tais quais a do Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes e a da Semana das Juventudes, que também trouxeram diálogos entre os temas e a pandemia.

---

<sup>22</sup>Entrevista concedida às autoras.

A partir das análises empreendidas até aqui, foi possível compreender que o Jornalismo Audiovisual representado neste trabalho pelo Programa Conexão conseguiu se reinventar indicando que a imprevisibilidade da pandemia trouxe a necessidade de novas funções nas redações (THOMÉ, REIS, 2019), como sistematizado na tabela a seguir.

**TABELA 1: MUDANÇA NAS ROTINAS PRODUTIVAS DO PROGRAMA CONEXÃO**

Percepções na cobertura do Conexão durante a pandemia	
1) Profissionais em home office	2) Boa vontade e competência técnica das fontes
3) Uso de reprises	4) Mudança na grade de programação
5) Entrevistas por chamada de vídeo	6) Contratação de mão de obra ( <i>freelancer</i> e produtora)
7) Sem necessidade do uso de máscaras	8) Antecipação de gravações e alteração no <i>deadline</i>
9) Aumento do uso de imagens de apoio e de cobertura	10) Necessidade de manter o tema pandemia nas pautas
11) Imagens e depoimentos cedidos pelas fontes	

Fonte: Tabela elaborada pelos autores, a partir da análise das edições do Conexão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises das seis edições, conjugadas com a entrevista realizada com a editora do Programa Conexão, foi possível detectar 11 novos aspectos que surgiram durante a cobertura da pandemia do novo coronavírus (Tabela 1). Desse modo, o telejornalismo precisou se reinventar, adotando o *home office*, em um primeiro momento. A exemplo do que aconteceu em várias outras redações, o Canal Futura também resguardou os funcionários por medida de segurança. Produzir a distância, mantendo pautas de cunho social, sem contar com o jornalismo declaratório<sup>23</sup> das fontes que compõem o espectro do *hard news*, foi um dos maiores desafios, mas que revelou novas potencialidades do jornalismo.

Lançar mão de reprises foi uma tática utilizada para preencher a grade de programação. Uma considerável tomada de decisão pela escolha dos programas que

<sup>23</sup> Compreende-se aqui jornalismo declaratório como aquele baseado apenas nas declarações das fontes de informação.

---

seriam exibidos novamente, já que o jornalismo precisou lidar com o inesperado por conta da pandemia. Da mesma forma, o aumento do uso de entrevistas por videoconferência apontou que os jornalistas não devem substituir os modos de capturas de sonoras e diálogos com as fontes, no entanto, é possível ampliar as formas de captação com recursos que, antes mesmo da pandemia, já estavam disponíveis.

Ao contrário das emissoras que trabalham com a perspectiva do factual, baseado em notícias *hard news*, o Canal Futura não adotou a utilização de máscaras, já que não estavam previstas reportagens externas e coberturas fora do espaço dos estúdios na redação. O crescimento do uso de imagens de apoio e de cobertura indicou a necessidade de suprir a falta de outras câmeras utilizadas nos estúdios durante as gravações, já que agora a captura do apresentador é feita a partir da *webcam* de um computador ou pelo *smartphone*.

A utilização de depoimentos e imagens cedidas pelas fontes era uma prática usada pelo Programa Conexão como exceção, admitindo o papel social de novos atores na narrativa jornalística. Entretanto, por contada pandemia, esse processo de colaboração se tornou preponderante para a realização das entrevistas e debate público das pautas propostas. Conseqüentemente, na medida em que ocorreu uma dependência das fontes para a cessão de entrevistas e imagens, o processo de pandemia alterou o *deadline*, antecipando os prazos definidos para a elaboração das peças a serem exibidas. Nesse sentido, a mudança na grade de programação também foi inevitável.

De todos os aspectos identificados, manter o assunto pandemia em todas as pautas talvez esteja sendo o maior desafio para o Programa Conexão. É preciso considerar que a sociedade precisa estar informada sobre a pandemia que ainda provoca danos irreversíveis para o país e para o mundo. Se para muitas emissoras e canais de comunicação existe uma leitura de que “ninguém aguenta mais falar sobre a pandemia e isso não vai gerar audiência”, no Canal Futura a lógica é contrária e a necessidade de não abandonar o tema permanece.

No período em que o Brasil já ultrapassou mais de 150 mil mortos pela Covid-19, a construção de variáveis e a análise de programas que priorizem o assunto como valor-notícia se torna de grande relevância, não só para trabalhos futuros, mas para a construção de memória sobre a cobertura do telejornalismo em tempos de pandemia. A pesquisa pode servir de inspiração para futuros trabalhos acadêmicos com um olhar

---

cada vez mais analítico, crítico e, também, propositivo para continuar escrevendo capítulos sobre a história do telejornalismo no país.

## REFERÊNCIAS

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BECKER, B. **Análise Televisual Convergente**: um procedimento metodológico para leitura crítica dos processos comunicativos de telejornais e programas televisivos. **Galáxia** (São Paulo) [online]. 2019, n.42, pp.69-81. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/1982-25532019339781>>. Acesso em: 1 out. 2020.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2000.

SCHUDSON, M. **Descobrimo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

SILVA, E. M. Fases do Telejornalismo: uma proposta epistemológica. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (org.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

THOMÉ, C.; REIS, M. A. Novas funções e competências no telejornalismo regional. In: COUTINHO, I. e EMERIM, C. (org.). **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Florianópolis: Editora Insular, 2019.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo – Volume I**: porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, A., CORREIA, J. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_; CERQUEIRA, L. O “lugar de referência” do telejornalismo local: o papel dos saberes, dos dispositivos didáticos e da temporalidade. In: COUTINHO, I.; EMERIN, C. **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Editora Insular, Florianópolis, 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman, 2001.